

UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA DO CASO CLÍNICO “EIVA”, DE IRVIN YALOM

Caroline Garpelli BARBOSA¹

Isabel Marques da SILVA²

Nathalia Marcelino de MOURA³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar uma leitura fenomenológico-hermenêutica do caso clínico de Eiva descrito por Irvin D. Yalom no livro “O Carrasco do Amor e Outras Histórias sobre Psicoterapia”, com vistas a explicitar alguns temas e conceitos centrais da psicologia de base heideggeriana. Busca, também, favorecer uma compreensão da ação clínica de forma situada e concreta, evitando sua redução a formulações abstratas ou meramente teóricas. A partir do caso de Eiva foi possível discutir o caráter aberto e plural dos modos de aparecimento dos fenômenos, bem como a condição ontológica do ser humano de abertura. Tal discussão se apresenta como um espaço privilegiado para se pensar a clínica enquanto lugar de confrontação com as questões fundamentais do existir, ao mesmo tempo em que preserva a complexidade do fenômeno e a singularidade do percurso existencial da paciente em questão.

1

Palavras-chave: Caso Clínico; Daseinsanalyse; Fenomenologia; Heidegger; Yalom.

A PHENOMENOLOGICAL-HERMENEUTIC READING OF THE CLINICAL CASE OF “EIVA”, BY IRVIN YALOM

Abstract

The present article aims to conduct a phenomenological-hermeneutic reading of the clinical case of Eiva, described by Irvin D. Yalom in the book Love's Executioner and Other Tales of Psychotherapy. The study seeks to clarify central themes and concepts of Heideggerian psychology while fostering a situated and concrete understanding of clinical practice, avoiding its reduction to abstract or merely theoretical formulations. Based on Eiva's case, it was possible to discuss the open and plural nature of how phenomena appear, as well as the ontological condition of human openness. This discussion presents itself as a privileged space to reflect on the clinic as a place of confrontation with the fundamental questions of existence, while simultaneously preserving the complexity of the phenomenon and the singularity of the patient's existential journey.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Psicologia, Niterói, RJ, Brasil. E-mail: cgarpelli@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5399-0779>

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: isabelmarquesx@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4134-5804>

³ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: nathaliamarcelino@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0927-5682>

Keywords: *Clinical Case; Daseinsanalyse; Phenomenology; Heidegger; Yalom.*

UNA LECTURA FENOMENOLÓGICO-HERMENÉUTICA DEL CASO CLÍNICO “EIVA”, DE IRVIN YALOM

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo realizar una lectura fenomenológico-hermenéutica del caso clínico de Eiva descrito por Irvin D. Yalom en el libro “El verdugo del amor y otras historias de psicoterapia”, con el fin de explicitar algunos temas y conceptos centrales de la psicología de base heideggeriana. Busca, asimismo, favorecer una comprensión de la acción clínica de forma situada y concreta, evitando su reducción a formulaciones abstractas o meramente teóricas. A partir del caso de Eiva, fue posible discutir el carácter abierto y plural de los modos de aparición de los fenómenos, así como la condición ontológica de apertura del ser humano. Dicha discusión se presenta como un espacio privilegiado para pensar la clínica como un lugar de confrontación con las cuestiones fundamentales de la existencia, al mismo tiempo que preserva la complejidad del fenómeno y la singularidad del recorrido existencial de la paciente en cuestión.

Palabras-clave: *Casos Clínicos; Daseinanalyse; Fenomenología; Heidegger; Yalom.*

2

INTRODUÇÃO

Diferente da psicanálise, que foi construída a partir do contato de Sigmund Freud (1856-1939) com seus pacientes, as psicologias da tradição fenomenológica nascem de uma vinculação direta com o pensamento filosófico. Inicialmente, foram inspiradas pela fenomenologia inaugurada por Edmund Husserl (1859-1938), que se desenvolveu em meio a debates sobre a lógica e a aritmética e teve como propósito inicial o desenvolvimento de um método que permitisse à filosofia lidar com alguns dos problemas epistemológicos presentes nas ciências. Posteriormente, vincularam-se a outros autores do movimento fenomenológico, cujas ideias são desdobramentos diretos ou indiretos das obras husserlianas, entre os quais podemos destacar os mais proeminentes, como os franceses Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), bem como o alemão Martin Heidegger (1889-1976). No caso particular desses três, a fenomenologia se expandiu para além das análises husserlianas sobre a estrutura da consciência e confluuiu com o pensamento existencial. O que mantém tais autores vinculados ao projeto husserliano é o que Cabral (2022) chama de *espírito fenomenológico*, uma atitude que busca sempre se manter fiel à tentativa de acessar a fenomenalidade de algo de modo que seja possível deixar com que se mostre a partir de seu próprio campo e horizonte de aparição. Pensar de maneira fenomenológica, portanto, “envolve suspender todos os posicionamentos ontológicos em geral, todas as suposições positivas acerca do ser dos entes em questão,

todas as teorias acerca do ser dos fenômenos” (Casanova, 2021, p. 36) para que se possa verdadeiramente ver aquilo que aparece.

É esse princípio que norteia a prática clínica em uma psicologia de orientação fenomenológica e existencial, fazendo com que esta seja, fundamentalmente, um modo de se posicionar que se guia pela fenomenalidade daquilo que se mostra. No caso específico da ontologia heideggeriana, a atitude fenomenológica envolve, fundamentalmente, libertar os fenômenos das camadas de preconceitos e pressupostos que os obscurecem e os prendem a nomes, palavras e concepções já gastas, esvaziadas e desenraizadas de seus sentidos próprios. É por isso que, para Heidegger (1927/2012), a fenomenologia apenas se dá a partir de uma lida crítico-desconstrutiva com os sentidos hermeneuticamente sedimentados (Heidegger, 1927/2012), o que faz de sua fenomenologia, ao mesmo tempo, uma hermenêutica.

No âmbito da prática clínica, tal perspectiva impõe ao profissional o desafio de apropriar-se de uma concepção de ser humano essencialmente distinta das tradições psicológicas e filosóficas hegemônicas (Jardim, 2013). Sob essa ótica, compreende-se que o estudo de casos clínicos favorece a observação desses conceitos filosóficos na realidade fática do paciente, preservando a especificidade do caso e impedindo que a teoria se encerre em generalizações conceituais abstratas.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo realizar uma análise fenomenológico-hermenêutica do caso clínico de Eiva apresentado no capítulo intitulado "Eu jamais pensei que isso aconteceria comigo", presente na obra "O Carrasco do Amor e Outras Histórias sobre Psicoterapia", de Irvin D. Yalom. Para tanto, a análise visa explicitar aspectos centrais da psicologia fenomenológica-hermenêutica de base heideggeriana e, quando necessário, realizar uma reflexão crítica sobre alguns conceitos empregados por Yalom. Isso porque, embora Yalom seja amplamente reconhecido por suas contribuições à psicoterapia existencial, sua abordagem não se fundamenta em uma visão fenomenológica, mas, sim, tem bases existenciais e humanistas (Jacintho, 2019).

No caso em discussão, Yalom (2007) narra a história de Eiva, uma viúva idosa que, após o roubo de sua bolsa, vê-se forçada a confrontar a fragilidade de sua existência e a ilusória sensação de segurança que havia construído em torno de si. Em meio à construção da narrativa, é possível identificar que esse evento, considerado pelo autor como sendo traumático, não apenas trouxe à tona sentimentos de vulnerabilidade, mas também abalou profundamente a visão de mundo da paciente, que até então se via como uma pessoa especial e invulnerável. Nesse caminho, por meio do acompanhamento terapêutico, o terapeuta explora como Eiva lida com essa nova realidade, permitindo que tanto ela quanto o profissional confrontem, compreendam e desvelem sentidos encobertos no início de seu relato. Tais aspectos viabilizam uma visão mais ampla sobre o processo terapêutico à luz da fenomenologia-hermenêutica, sendo possível analisar algumas das dimensões ontológicas que fundamentam a existência e o modo de pensar heideggeriano, como: a noção de

fenômeno; de ser-aí (*Dasein*); de ser-no-mundo; as tonalidades afetivas; o trabalho do profissional em possibilitar uma abertura; o modo como a *dasein* análise compreende o que a psicanálise chama de transferência; o ser-para-a-morte, a angústia e, por fim, o cuidado clínico.

DESENVOLVIMENTO

No caso proposto, observamos a forma como Eiva experimenta um profundo abalo em sua percepção de segurança e de invulnerabilidade após o roubo de sua bolsa. Essa experiência traumática não apenas expôs sua vulnerabilidade, mas também desfez a ilusão de ser uma pessoa especial, protegida das adversidades comuns. Isso porque a intensidade da experiência vivida no roubo de sua bolsa não se reduz ao valor material da mesma. Diferente disso, o roubo que ela sofreu remete à perda da ilusão de ser uma pessoa especial e invulnerável, ilusão esta que ela mantinha especialmente a partir da relação que tinha com seu marido falecido, um homem protetor e que resolvia toda e qualquer situação ou problema que o casal e, sobretudo, Eiva, poderia se deparar.

Quando se dá a situação do roubo, Eiva já estava viúva, mas, segundo Yalom (2007), até aquele momento ela se enxergava protegida das adversidades comuns que afetam as "massas fervilhantes", como ressaltado no trecho:

Trezentos dólares significavam muito para ela, e, durante alguns dias, Eiva se preocupou com o dinheiro que havia perdido. Essa preocupação se evaporou gradualmente e, em seu lugar, ficou um resíduo amargo — um resíduo expresso pela frase "Eu jamais pensei que isso aconteceria comigo". Juntamente com a bolsa e seus trezentos dólares, uma ilusão foi roubada de Eiva — a ilusão de ser uma pessoa especial. Ela sempre vivera num círculo privilegiado, sem os dissabores, as desagradáveis inconveniências que atingiam as pessoas comuns — as massas fervilhantes dos tabloides e noticiários que estão sempre sendo roubadas ou lesadas (Yalom, 2007, p. 178-179).

Convoca-se, nesse momento, "a ideia de que todo fenômeno, todo aparecer de um objeto, sempre apresenta um aparecer de algo para alguém" (Zahavi, 2019, p. 18), de forma que não há qualquer objeto que exista em si de modo independente de alguém para percebê-lo. Diante de tal fato, "caso queira compreender como objetos corporais, tais como modelos matemáticos, processos químicos, relações sociais, produtos culturais podem aparecer como aquilo que eles são, e, em verdade, com o significado que eles têm, então é preciso necessariamente levar em conta o sujeito ou os sujeitos, para os quais eles aparecem" (Zahavi, 2019, p. 18). Compreender o roubo da bolsa, portanto, implica se voltar

para o sentido de quebra da sensação de segurança que é, inclusive, muito anterior ao momento do furto.

Com isso, demarca-se também a importância da clínica não ser literal, ou seja, do profissional saber seguir o caminho do fluxo do relato do paciente, acompanhando os sentidos para onde aponta. Assim, diante de uma situação de roubo, é preciso colocar alguns questionamentos, como, por exemplo, qual a experiência em questão quando alguém abruptamente retira à força algo de você? O que isso pode revelar sobre a sensação de confiança e segurança? Logo, tal ponto viabiliza a observação das diversas significações que algo pode permitir, ao demarcar com veracidade o quanto as relações de vida entre indivíduo e mundo são completamente abertas a diversos contextos e significados. Sendo assim, caso se queira compreender como a bolsa pode aparecer de modos diversos, é preciso necessariamente levar em conta para quem o fenômeno aparece.

A existência a partir da fundamentação ontológico-hermenêutica de Heidegger

Em sua obra “Ser e tempo”, Heidegger (1927/2012) apresenta uma compreensão ontológica do existir humano, a qual chamou de ser-aí. A existência humana é descrita por ele como abertura (*Erschlossenheit*), ou seja, como o *aí* onde o *ser* se dá. Isso quer dizer que o existente humano não tem como ser apreendido mediante alguma definição em termos de propriedades ou categorias previamente estabelecidas, mas, sim, que seu ser está sempre em jogo no existir. Ou seja, na radicalidade de seu ser, ele é marcado fundamentalmente por uma condição ontológica de indeterminação, sem que possua, portanto, qualquer determinação à priori e absoluta. Ele é simplesmente um poder-ser, de forma que não é nada além do que suas possibilidades de ser.

Contudo, ainda que o ser humano não possua determinações naturais, o mundo normatiza e normaliza seus comportamentos, trazendo também uma aparente tranquilização na medida em que confere familiaridade e ritmo à dinâmica existencial. Isso porque é no mundo que o ser-aí encontra as determinações e sentidos para orientar sua existência, uma vez, que ao estar no mundo, este já sempre aparece como uma rede significativa a partir da qual cada um pode projetar suas possibilidades de ser e interpretar a si mesmo, aos outros e às coisas. Logo, o mundo aparece como uma rede de significações em um horizonte de sentido historicamente construído e constituído. Nesse contexto, cada ser-aí se mostra dentro de um horizonte hermenêutico de sentidos e expressa em seus modos de ser um idioma particular que revela, como interpreta e organiza seu existir.

Por outro lado, a contrapartida trazida em conjunto com a sensação de estabilidade e familiaridade oferecida pelo mundo é o provável esquecimento daquilo que cada um tem de mais originário, a saber, a sua condição ontológica de indeterminação e estranheza. Assim, na maior parte do tempo, o ser humano tende a acreditar que está protegido em sua morada, sem se dar conta de que esta é desprovida de solo totalmente seguro. Isso

acontece, em grande medida, porque o ser-aí, ainda que assuma certos modos de ser e os expresse em seu existir, jamais encontra nesses modos a resposta definitiva para ser, de modo que sendo de tal ou tal forma, ele também poderia ter sido ou vir a ser de qualquer outra maneira, uma vez que o fantasma da indeterminação e do possível está sempre à espreita, relativizando e colocando em xeque cada uma das determinações que assume. Sempre há a possibilidade de manifestação da negatividade originária, que escapa a qualquer tentativa de definição e que, por isso mesmo, está constantemente em vias de se manifestar.

Daí podermos afirmar que a existência é fundada em uma precariedade constitutiva; em uma condição ontológica de desabrigo a qual revela que existir é sempre se encontrar em meio uma tensão entre a familiaridade e a estranheza, a segurança e a insegurança, o estar abrigado e o estar lançado à indeterminação (Barbosa, 2022; 2025). Como discute Holzhey-Kunz (2018), em todo existir cotidiano há sempre a presença de um saber pré-ontológico sobre a condição humana que se dá como pano de fundo às experiências, sempre ameaçando vir à tona. Esse saber costuma ficar esquecido, mas situações aparentemente banais do cotidiano podem revelá-lo.

No caso aqui discutido, podemos perceber como a perda de uma bolsa e a subsequente mudança na percepção de segurança da paciente ilustram essa ideia. A experiência de roubo não é apenas um evento isolado, mas transforma a maneira como Eiva se relaciona com seu ambiente e sua própria existência. Dessa forma, o mundo que antes parecia acolhedor e seguro agora se apresenta ameaçador e hostil. E, assim, a segurança que sentia em sua rotina e até mesmo em sua casa foi substituída por um constante estado de alerta e insegurança, como descrito em:

O roubo mudara tudo. Foram-se o conforto, a suavidade de sua vida; fora-se a segurança. Sua casa sempre lhe acenara com suas almofadas, jardins, acolchoados e tapetes macios. Agora ela via fechaduras, portas, alarmes contra ladrões e telefones. Ela sempre leva seu cachorro para passear às seis horas, todas as manhãs. A tranquilidade da manhã agora parecia ameaçadora. Ela e seu cachorro paravam e escutavam o perigo (Yalom, 2007, p. 179).

Mais do que isso, o verdadeiro impacto daquele roubo foi destruir a ilusão e confirmar, de maneira brutal, a morte do marido de Eiva que havia acontecido há algum tempo. Nesse sentido, mesmo tendo percorrido todo o processo de adoecimento até a morte do marido, Eiva conservara o sentimento de que ele continuava a existir, como se assim ela ainda pudesse seguir se sentindo segura (Yalom, 2007). Podemos dizer, portanto, que o roubo revela à paciente a sua condição ontológica mais fundamental, a saber, a verdade de que está lançada no mundo, tendo que dar conta de seu existir e atravessada pela finitude. Tudo se passa como se Eiva já não pudesse mais se alienar e se esquecer disso.

Ela, abruptamente, se dá conta da insegurança ontológica que a atravessa (Holzhey-Kunz, 2018; Barbosa, 2022). Logo, o caso demonstra que, ainda que a ilusão da presença contínua do marido tenha se apresentado como uma forma de Eiva lidar com a perda, o roubo inaugurou um ponto-chave que destruiu essa ilusão de segurança e a colocou frente ao seu próprio estar-no-mundo.

Como mostra Heidegger (2012), todos os modos-de-ser trazem consigo a morte em seu horizonte de possibilidade, atravessando todas as experiências em jogo na existência humana. A morte, portanto, não é apenas um evento biológico que encerra a vida, mas uma presença constante que acompanha todos os modos de ser do existente humano. Ela está intrinsecamente ligada à própria estrutura do ser-aí, revelando a fragilidade da vida e dos significados e sentidos que são construídos ao longo da existência. Não por acaso, o autor afirma que “a angústia está aí. Ela apenas dorme. Seu hálito palpita sem cessar através do ser-aí” (1929/2008, p. 128). Isso quer dizer que é da constituição ontológica da existência ter como companheira constante a angústia, disposição afetiva fundamental e originária que revela a precariedade existencial. A angústia não tem um ente específico diante do qual ela se manifesta. Ela se dá como uma espécie de ameaça que sempre está rondando, presente em toda parte e, ao mesmo tempo, em parte alguma. Como diz Heidegger (1927/2012), na angústia, o ser-aí é abatido por uma estranheza que revela o seu não-estar-em-casa e sua possibilidade de não mais estar aqui, como acrescenta Boss (1977). A esse respeito, esse autor ainda afirma que “as pessoas que mais temem a morte são sempre as mesmas que mais têm medo da vida, pois é sempre o viver da vida que desgasta e põe em perigo o estar-aí” (Boss, 1977, p. 26).

Como revelado no caso clínico, o roubo atuou como uma espécie de catalisador para a emergência da angústia na medida em que suspendeu a ilusão de segurança e de infinitude da paciente, bem como colocou em suspenso os sentidos que até aquele momento sustentavam sua existência. Dessa forma, o evento trouxe à tona para Eiva sua própria condição de vulnerabilidade, bem como parece ter desvelado algo que até aquele momento ela evitava confrontar, a saber, a morte do marido, sua ausência e o fato de que ele não mais estava presente para ampará-la. Logo, tal momento a lançou repentinamente na possibilidade da perda, evidenciando a natureza precária da existência. Assim, o caso clínico permite observar como a angústia pode ser vista como uma expressão da condição inóspita do existir e que revela a morte como acontecimento inevitável, intransferível e irremissível (Heidegger, 1927/2012). A passagem a seguir explicita essa condição.

Mas, quando foi roubada, ela sentiu como se estivesse começando tudo de novo. Acima de tudo, o roubo evidencia o fato de ela ser comum. Sua frase “Eu jamais pensei que isso aconteceria comigo” refletia a perda da crença em sua qualidade de ser especial. É claro que ela ainda era especial no sentido de que tinha qualidades e dons especiais, uma história de vida única, de que ninguém jamais fora como ela.

Este é o lado racional da condição de ser especial. Mas nós (e alguns mais do que outros) também temos um sentimento irracional de que somos especiais. É um de nossos principais recursos para negar a morte, e a parte de nossa mente cuja tarefa é apaziguar o terror da morte gera a crença irracional de que somos invulneráveis — de que as coisas desagradáveis como envelhecer e morrer podem ser uma sina alheia, mas não a nossa, de que existimos acima da lei, acima do destino humano e biológico (Yalom, 2007, p. 184).

Dessa forma, ainda que a morte acompanhe o ser humano desde seu nascimento, Eiva parece ter visto o desvelamento de tal condição após um momento traumático que rompeu com a sedimentação tranquila de seu cotidiano. Por esse motivo, quando vem à tona, a angústia aparece como um afeto que suspende temporariamente a malha significativa em meio à qual o existente conduz irrefletidamente a sua vida, revelando a condição inóspita de seu modo de habitar o mundo. Logo, assim como dito por Eiva em seu relato, ela já não se sente mais segura em nenhum de seus costumes rotineiros, como até mesmo levar seu cachorro para passear ou estar em casa. Nesse contexto, tais situações passam a estar afinadas a partir da disposição afetiva do medo, manifestação ôntica da angústia.

8

Prática clínica e relação psicoterapêutica

No que concerne à relação terapêutica, daremos especial destaque a três momentos que foram de extrema importância para o processo terapêutico da paciente. O primeiro se deu no início do processo, quando o terapeuta manifesta sua dificuldade de estar presente com Eiva durante as sessões, pois reconhecia nela características semelhantes às de sua mãe e das quais ele tinha aversão. Tal situação convida-nos a uma reflexão acerca da atitude que orienta a psicologia fenomenológico-hermenêutica, uma vez que em sua base está a valorização da abertura ao encontro genuíno com o paciente. Isso quer dizer que o terapeuta é chamado a respeitar o tempo do desvelar das experiências do paciente em sua própria cadência. Nesse processo, contudo, o profissional também é interpelado e atravessado, pelo que lhe chega afetivamente pela experiência. No caso em questão, o psicoterapeuta percebe como é afetado pela raiva em relação à Eiva. Contudo, parte de sua própria raiva para se questionar sobre o significado de tal modo de sentir. Por outro lado, não apenas o psicoterapeuta sentia raiva. A paciente também, em vários momentos, expressava esse sentimento por muitas pessoas ao redor.

Sob a perspectiva heideggeriana, o afeto afina todos os modos de ser no mundo, haja vista que se trata de uma disposição que colore e perpassa os encontros, abrindo ou fechando possibilidades de compreensão. Para Heidegger (1927/2012), o ser-aí existe na abertura compreensiva e afetiva do ser dos entes, o que quer dizer que o mundo lhe vem ao

encontro não apenas de um modo racionalizado e cognitivo, mas, também, impregnado de colorações afetivas. Nesse sentido, a tonalidade afetiva não é um fenômeno psicológico, mas uma condição ontológica. Por esse motivo, o psicoterapeuta não apenas acolhe a raiva de Eiva, como permite que esse afeto revele algo sobre ambos, postura essa de coabitação afetiva que transforma a relação terapêutica em um espaço de autenticidade e de descoberta em que outros sentidos e afetos possam emergir na abertura do encontro. Assim, se no início Eiva é retratada como alguém fechada às experiências e que apresenta uma constante raiva por todos ao seu redor, gradualmente ela vai também suavizando algumas expressões e se aproximando de seu luto e, também, de suas possibilidades.

Heidegger (1927/2012) nos lembra que o ser-com é uma dimensão fundamental do ser-aí e, no espaço clínico, essa dimensão permite com que o terapeuta se coloque como uma abertura dialogante para as possibilidades do paciente. É justamente pelo sutil e complexo trabalho em identificar quais tonalidades afetivas estão atravessando seus modos de estar junto ao paciente que Yalom consegue, junto com Eiva, colocar tal afeto em trânsito, de modo a abrir para outros possíveis. Nessa perspectiva, a construção da análise de caso demarca o quanto compreender de forma fenomenológica a raiva de Eiva envolve também o trabalho de perceber como a existência dela se revela ao longo do processo terapêutico. O que a raiva de Eiva poderia revelar sobre si mesma e suas perdas recentes? Em síntese, a raiva de Eiva pode ser compreendida como uma forma de resposta às questões abertas pelo seu próprio existir e ao psicoterapeuta cabe compreender os sentidos de suas ações, de forma a questionar: o que essa existência realiza e cumpre ao agir de determinada maneira? (Evangelista, 2019).

Assim, ao dar espaço para a raiva, deixando-a ser e se mostrar, Yalom possibilitou à paciente acolher tal afeto como uma possibilidade existencial e não apenas como um sintoma a ser eliminado. Ao abrir-se para sua raiva, Eiva passou a habitá-la no sentido heideggeriano, ou seja, foi capaz de permanecer nela e escutá-la, acolhendo-a como uma possibilidade de ser. Tal atitude lhe permitiu viver de maneira mais autêntica e livre, pois a raiva era uma manifestação genuína de sua condição de ser-no-mundo. Dessa forma, torna-se nítida a importância de adentrar o conceito de abertura presente na psicologia fenomenológico-hermenêutica como central para a compreensão dos pacientes, pois, a partir do momento em que Eiva se aproximou desse afeto, ela também se tornou capaz de se apropriar de outras possibilidades e outras formas de cuidado consigo e com os outros.

Um segundo aspecto a ser ressaltado no caso diz respeito à conduta terapêutica no cuidado com a paciente, especialmente no que diz respeito ao lugar da atitude da serenidade (*Gelassenheit*), descrita por Heidegger (1959/2000) como a possibilidade de se sustentar na posição de abertura ao mistério e àquilo que não se sabe, sem a pretensão de controle típica da época técnica. Tal atitude é de suma importância ao psicoterapeuta, pois a lógica da técnica moderna atravessa o modo de desvelamento do ser dos entes na totalidade, o que significa que o sentido de tudo o que aparece se dá sob a ótica desse

horizonte histórico e instrumental no qual não há a espera pelo aparecimento de algo em seu próprio tempo. O que prevalece é uma espécie de violência na exploração dos recursos, que exige, obriga e impõe atualizações, mudanças, produtos.

Não por outro motivo, trata-se de uma época em que tudo se transformou, nas palavras de Heidegger (1954/2007), em *subsistência (Bestand)*, isto é, em coisa passível de ser controlada. Este raciocínio acaba por orientar o modo como o próprio ser humano é compreendido e o modo como ele interpreta a si mesmo, as suas relações, enfim, a sua vida. (Heidegger 1954/2007). Assim, a clínica psicológica acaba por ser interpretada no interior dessa mesma lógica e, por conseguinte, é demandada também por ser eficaz, resolver problemas e eliminar sintomas de modo rápido, de sorte que, a manutenção da atitude da serenidade é um modo de cuidado que não se deixa sucumbir a essa lógica (Sá, 2017). Isso porque, para Heidegger (1959), a serenidade é um pensamento meditativo que, ao contrário do pensamento calculante, requer grande esforço e um treino demorado, uma vez que depende de saber aguardar o despontar e amadurecer de algo. Dessa maneira, quando pensamos a atitude de serenidade no cuidado clínico, referimo-nos a um modo atento de se colocar frente ao outro e que saber aguardar o tempo propício ao desvelamento dos sentidos. Como diz Sá (2017), “esse exercício de ‘atenção paciente’, que Heidegger chama ‘pensar’ no sentido mais próprio, busca preservar em sua abertura compreensiva a diferença irreduzível entre ‘as coisas que são’ e ‘a dinâmica de realização de tudo o que é’” (p. 72).

10

No caso aqui em discussão, vemos Yalom acompanhando os relatos da paciente, seguindo o fluxo da existência dela, mantendo-se disponível e aberto para que algo outro pudesse se manifestar. Sob esta perspectiva, encontra-se uma interação em relação aos conteúdos de sua bolsa que expressam, nesse contexto, uma exposição do seu mundo e até mesmo uma busca por aceitação e compreensão. De uma forma delicada e bem humorada, o profissional demonstrou a importância de se ater ao momento do paciente, não apenas revelando o que estava na bolsa, mas propiciando espaço para um debate respeitoso sobre cada item:

Quando a grande bolsa finalmente revelou tudo, Eiva e eu olhamos maravilhados os conteúdos espalhados em fileiras sobre a minha mesa. Lamentamos que a bolsa estivesse vazia e que não houvesse mais nada para tirar. Ela se virou e sorriu, e nós olhamos ternamente um para o outro. Foi um momento extraordinariamente íntimo. Como nenhum paciente jamais fizera antes, ela tinha me mostrado tudo. Eu havia aceitado tudo e pedido ainda mais. Eu a seguiria em cada recanto e fresta, maravilhado com o fato de que a bolsa de uma velha senhora pudesse servir como um veículo tanto de isolamento como de intimidade [...] (Yalom, 2007, p. 186).

Nesta interessante passagem, ambos olham para o interior da bolsa de Eiva, em um gesto que parece, ao mesmo tempo, promover uma aproximação do ferimento de Eiva, “a

fim de abri-lo amplamente, desbridá-lo bem e permitir que ele se curasse verdadeiramente” (Yalom, 2007, p. 184). Sendo assim, curar, em sentido fenomenológico, não se refere a eliminar algo da existência, mas, sim, o modo de cuidado que se detém naquilo que se mostra, deixando as coisas serem ao seu modo como um cultivo cuidadoso do processo de desvelamento próprio. Portanto, na terapia apresentada é notório o quanto o profissional permite que a clínica seja um lugar de cuidado da vida, em que o mesmo apenas ajuda Eiva a se aproximar daquilo que faz parte da sua humanidade, auxiliando-a em sua percepção sobre suas possibilidades, sem uma busca desenfreada por produtividade e performance. O que Yalom e Eiva fazem juntos é explorar cada conteúdo da bolsa da paciente, que expressam, naquele momento, camadas de desvelamento de Eiva no processo terapêutico.

Esse momento foi fundamental na percepção do processo de Eiva, como também expressou a experiência do próprio psicólogo em uma atmosfera aberta da clínica fenomenológico-hermenêutica. Ao desbridar a bolsa junto com a paciente em uma prática não esperada ou conceituada, foi possível entender que o profissional deve estar disponível para ir além de suas pré-concepções ou de atuações pautadas em métodos e procedimentos pré-concebidos. Dessa forma, a fenomenologia ressalta a importância de se entender que nessa relação entre profissional e paciente há dois seres humanos existindo enquanto cuidado de si, dos outros e do mundo. São as escolhas realizadas ao longo do processo que vão permitindo o fazer artesanal, de modo que o caminho a ser percorrido na clínica não tem um sentido previamente traçado, calculado e determinado, mas se faz nessa travessia que é compartilhada.

11

Nesse sentido, o caso também nos coloca diante do cuidado (*Sorge*), central na clínica fenomenológica, pois faz referência ao modo como o ser humano se relaciona com o mundo e com os outros, sendo uma condição fundamental da existência (Heidegger, 1927/2012). Dessa forma, no aspecto clínico, o cuidado se manifesta na atenção que o terapeuta oferece ao paciente, vendo-o não como um objeto de tratamento, mas como um ser-no-mundo com suas próprias possibilidades e limitações. Em suma, o cuidado é o elemento que permite ao psicoterapeuta estar presente para o paciente de maneira autêntica, facilitando seu processo de abertura e libertação, como diz Boss (1977).

Por fim, adentramos o terceiro ponto a ser destacado no caso a fim de explicitarmos o lugar da relação terapêutica como motor de mudança na existência do paciente (Boss, 1977). Para isso, selecionamos a seguinte passagem que se dá após a abertura da bolsa de Eiva e exposição de seus objetos:

[...] uma hora de transformação. Nosso momento de intimidade — chamem-nos de amor, chamem-nos de namoro — foi redentor. Naquela hora, Eiva passou da posição de desamparo para a de confiança. Ela se encheu de vida e se convenceu, mais uma vez, da sua capacidade de ser íntima (Yalom, 2007, p. 186-187).

De acordo com Boss (1977), o “Eros psicoterápico” pode ser considerado uma forma diferenciada de amor que orienta o cuidado do psicoterapeuta com o paciente. Trata-se, segundo o autor, de uma “dedicação co-humana especial do psicoterapeuta para com seus analisandos, que não existe a não ser na situações analítica” (p. 43). Essa postura tem sua base nas recomendações de Freud para os analistas e que podem ser sintetizadas como um modo de cuidado que seja destituído de qualquer ambição egoísta e de busca por sucesso. Nas palavras de Boss, o Eros psicoterápico “tem que se distinguir por sua abnegação, disciplina e respeito diante da própria existência do analisando, nunca praticada fora dali, e que não se deixa desconcertar na sua estabilidade e durabilidade por uma conduta amável, indiferente ou hostil do analisando [...]” (Boss, 1977, p. 44).

Na prática psicanalítica, contudo, essa especificidade da relação terapêutica, especialmente no que diz respeito aos afetos que circulam entre analista e analisando, é caracterizada como transferência, “processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica” (Laplanche & Pontalis, 2004, p. 514). Na visão freudiana, tudo se passa como se, na transferência, o paciente repetisse com o analista seus protótipos e conflitos infantis, os quais, ao serem reeditados na relação terapêutica, possibilitam uma maior aproximação do conflito inconsciente recalcado. Apesar disso, vale destacar que, para Freud, a transferência não deixa de ser um processo de resistência e que a mesma precisaria ser interpretada a fim de explicitar seu sentido inconsciente latente (Laplanche & Pontalis, 2004).

Essa conceituação é necessária para a nossa discussão, uma vez que, no caso aqui discutido, Yalom (2007) utiliza esse termo sem defini-lo e sem qualquer posicionamento a respeito dele a partir da visão existencial com a qual trabalha. Ademais, em outras obras, o autor referencia sua atuação clínica a partir das atitudes terapêuticas indicadas por Rogers, que enfatizava o encontro interpessoal como facilitador das mudanças alcançadas pelos pacientes (Yalom, 2006). Ao que parece, nessas obras Yalom não demonstra preocupações em definir conceitualmente os termos que utiliza, priorizando as descrições de suas experiências com as pessoas com quem trabalha.

Por outro lado, no que se refere à visão da psicologia fenomenológico-hermenêutica aqui em discussão, a opção ou não pelo uso do termo “transferência”, é controversa, de forma que, se por um lado, Sá (2017) não veja ganhos em se manter o uso desse conceito psicanalítico em uma clínica de orientação heideggeriana, Yamaguti (2021) considera que utilizá-lo em sentido daseinsanalítico-hermenêutico poderia trazer ganhos para o manejo clínico nessa abordagem. Assim, sem nos aprofundarmos nessas diferentes posições, o que importa para nossa análise é que, ao falarmos da relação paciente-psicoterapeuta, não estamos, tal como a psicanálise, no campo das representações intrapsíquicas e, tampouco, estamos orientados pelas atitudes rogerianas de empatia, aceitação e autenticidade, como

muitas vezes faz Yalom. Na psicologia fenomenológico-hermenêutica a relação terapêutica se dá no campo dos sentidos hermeneuticamente e afetivamente constituídos.

Assim, no interior dessa visão, a relação transferencial poderia ser compreendida como “um modo de desencobrimento afetivo-biográfico que modula o encontro analista-analisando” (Yamaguti, 2021, p.106) e não se limita à repetição das vivências passadas. Trata-se de um modo de ser-com e de estar com o outro na abertura compreensiva e afetiva a partir da qual o paciente se orienta, de maneira a favorecer que ele possa assumir modos mais livres de ser si-mesmo (Sá, 2017). Tal afirmação indica que é na relação terapêutica que o psicoterapeuta poderá reconhecer como as tonalidades afetivas atravessam a percepção do paciente sobre si mesmo e sua relação com o mundo e os outros. Dessa forma, os modos como o paciente se coloca na relação com o psicoterapeuta não são um obstáculo a ser superado, mas, sim, articuladores de possibilidades existenciais legítimas para aquela existência em particular. Fazem parte, portanto, de como o paciente sabe e pode lidar com suas questões naquele momento. Nesse sentido, podem ser reveladores da privação existencial em que ele se encontra e que conta ao psicoterapeuta de seu sofrimento.

Não por acaso, a relação entre psicoterapeuta e paciente pode ser vista como uma oportunidade para aprofundar a análise da experiência do paciente, promovendo um espaço possível de transformação no existir deste e, também, do próprio terapeuta em muitas situações. Com isso, demarca-se o quanto a clínica fenomenológico-hermenêutica é um modo de fazer que se dá no encontro, possibilitando uma abertura dentro dos limites inerentes ao existir e, também, à situação clínica.

No caso aqui discutido, tivemos a chance de acompanhar o quanto a relação entre Yalom e Eiva foi espaço de mudança para a paciente. Por meio dos relatos da paciente, ela compartilhava com o psicoterapeuta, sua acidez e julgamento em relação aos outros, bem como seu desamparo diante do assalto que sofrera. Contudo, para além dos relatos, o caso traz uma situação inusitada e não planejada vivida por ambos no encontro clínico, momento revelador da potência do vínculo para que a paciente pudesse reconquistar sua capacidade de confiar. Dessa maneira, o caso possibilita perceber também o quanto a clínica se dá como quebra de sedimentações e encurtamentos hermenêuticos, abrindo espaço para novos modos de existir e de se colocar no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo consistiu em realizar uma leitura fenomenológico-hermenêutica do caso clínico de Eiva descrito por Irvin D. Yalom, com o intuito de explicitar alguns temas e conceitos centrais da psicologia de base heideggeriana, bem como favorecer uma compreensão da ação clínica de forma situada e concreta, evitando sua redução a formulações abstratas ou meramente teóricas. Nesse sentido, o caso jogou luz ao caráter aberto e plural dos modos de aparecimento do fenômeno, bem como sobre a condição

ontológica do ser humano de ser abertura às possibilidades de ser e de estar-no-mundo. A análise do percurso clínico de Eiva permitiu acompanhar como os sentidos que orientam o existir se organizam diante de um acontecimento disruptivo, evidenciando a fragilidade da existência, a indeterminação originária, a insegurança ontológica e o papel das sedimentações cotidianas na manutenção de uma sensação ilusória de familiaridade e proteção, bem como o confronto com a tonalidade afetiva fundamental da angústia e com a finitude, temas centrais na obra de Heidegger.

Além disso, possibilitou a compreensão de pilares centrais para a clínica fenomenológico-hermenêutica, como a relação de confiança entre paciente e psicoterapeuta, a ideia de que o fazer clínico é um processo artesanal e que envolve um modo de ser e de fazer, portanto, um modo de cuidar que se dá em conjunto e no encontro entre paciente e psicoterapeuta. Mais do que isso, o caso permite observar o quanto a clínica fenomenológica-hermenêutica não se reduz a uma lógica técnica e instrumental e, por isso, requer a exploração das múltiplas camadas de sentidos que as experiências dos pacientes carregam. Nesse sentido, a partir da análise do caso de Eiva também se tornou visível como a existência, compreendida ontologicamente como indeterminação, convoca continuamente o existente à reavaliação de seus modos de ser, frequentemente a partir de experiências-limite que interrompem a tranquilidade do cotidiano. Nesse horizonte, o caso aqui discutido se apresenta como um espaço privilegiado para se pensar a clínica enquanto lugar de confrontação com as questões fundamentais do existir, ao mesmo tempo em que preserva a complexidade do fenômeno e a singularidade do percurso existencial da paciente em questão.

14

REFERÊNCIAS

Barbosa, C. G. (2022). Do fechamento entre muros à abertura à alteridade: contribuições para a prática clínica a partir de Martin Heidegger. In C. Moretto & C. G. Barbosa (Eds.), *A psicologia no cuidado do sofrimento humano: novas perspectivas de atuação* (pp. 155–170). Appris.

Barbosa, C. G. (2025) *Habitar o inóspito: a condição humana de desabrigo a partir de Martin Heidegger e Sigmund Freud*. Via Verita.

Boss, M. (1977). *Angústia, culpa e libertação: Ensaios de psicanálise existencial* (B. Spanoudis, Trad., 2a ed.). Livraria Duas Cidades.

Cabral, A. M. (2022). Para além da iniquidade: por uma ecofenomenologia decolonial. In A. Tarzan & C. Mattar (Orgs.). *Psicologia, fenomenologia e questões decoloniais: intersecções* (pp. 17-53). Via Verita.

Barbosa, C. G., Silva, I. M., & Moura, N. M. (2026). Uma leitura fenomenológico-hermenêutica do caso clínico “Eiva”, de Irvin Yalom. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 6, e026001.

Casanova, M. A. (2021). *Existência e transitoriedade*. Via Verita.

Evangelista, P. E. R. A. (2019). Sofrer pelo próprio ser: a Daseinsanalyse de Alice Holzhey-Kunz e a inclusão pré-ontológica da existência como fundamento do sofrimento existencial. *Revista Natureza Humana*, 21(1), 120–128.

Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo* (F. Castilho, Trad.). Editora Unicamp; Editora Vozes.

Heidegger, M. (2008). *O que é metafísica?*. In M. Heidegger, *Marcas do caminho* (pp. 113–133, E. P. Giachini & E. Stein, Trans.). Vozes.

Heidegger, M. (2007). A questão da técnica (1954). *Scientiae Studia*, v. 5, n. 3, 375-98.

Heidegger, M. (2001). *Serenidade (1959)* (M. M. Andrade & O. Santos, Trans.). Instituto Piaget.

Holzhey-Kunz, A. (2018). *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*. Via Verita.

15

Jacinto, F. (2019). Irvin D. Yalom psicoterapeuta – aspectos teórico-práticos de sua abordagem existencial/humanista. *Faculdade Sant’Ana em Revista*, v. 3, n. 1., 4-20.

Jardim, L. E. F. (2013). Ação e compreensão na clínica fenomenológica existencial. In P. E. R. A. Evangelista (Ed.), *Psicologia fenomenológica-existencial: possibilidades de atitude clínica fenomenológica* (pp. 45–76). Via Verita.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2004). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes.

Sá, R. N. (2017). A psicoterapia e a questão da técnica. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 54(4), 348–362.

Yalom, I. D. (2006). *Os Desafios da Terapia*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.

Yalom, I. D. (2007). *O carrasco do amor e outras histórias sobre psicoterapia* (M. A. V. Veronese, Trad.). Ediouro.

Yamaguti, A. C. (2021). Um esboço daseinanalítico-hermenêutico da noção de transferência. *Outro Pensar*, 1(1), 85–117. <http://outropensar.org/ojs/index.php/revista/article/view/21/9>

Barbosa, C. G., Silva, I. M., & Moura, N. M. (2026). Uma leitura fenomenológico-hermenêutica do caso clínico “Eiva”, de Irvin Yalom. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 6, e026001.

Zahavi, D. (2019). *Fenomenologia para iniciantes* (M. A. Casanova, Trad.). Via Verita.

Recebido em: 12/08/2025

Reapresentado em: 10/02/2026

Aprovado em: 23/02/2026

SOBRE AS AUTORAS

Caroline Garpelli Barbosa é psicóloga, Professora Doutora do curso de graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF – Niterói).

Isabel Marques da Silva é graduanda em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF – Niterói).

Nathalia Marcelino de Moura é graduanda em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF – Niterói) e estagiária do Núcleo Saúde e Brincar (IFF/FIOCRUZ).